

de vel
Na "Volpi", mostra de obras do atelier de Fiaminghi. São José dos Campos, **esfera**, (15): 3, nov. 1992.

OBS: Sil não copiei tudo

[...]

“Sensibilidade, gente, para sentir, admirar w dar valor ao material, suporte da criatividade. Só conhece o bom ou mau material quem souber fazê-lo. E, tome arte... ~~para~~ para quem sonhava com pincéis e tintas.”

Fiaminghi

[...]

Os mestres foram substituídos, chegaram Hermelindo Fiaminghi, Luigi Zanotto e Alberto Teixeira, abrindo caminho para a arte venerada em madeiras, serrote, martelo e pregos, na confecção do "chassis"; dedos doloridos puxavam o algodão cru, modelando as telas.

Muito idealismo para o artista Fiaminghi deixar Sampa, no fim de semana, para, em horário brasileiro, quase inexoravelmente, às 8 horas, começar a olhar e aconselhar o "aluno" a trabalhar desta ou daquela forma, sugerindo melhor harmonia de cores, sem nunca forçar o caminho artístico.

“Cada um tem a sua forma e cores para interpretar o contemporâneo. Podemos ajudar, nunca conduzir ou interferir no caminho. Cada um deve fazer suas descobertas, moldar seu estilo, achar a sua melhor forma de abstração.”

Fiaminghi

Apesar de livre, no Atelier não existia lugar para o acadêmico, muito embora Fiaminghi várias vezes comentou que a grande escola era a natureza, na multiplicidade de formas e tonalidades de cores. Talvez pensasse em Vasarely que achou seu caminho olhando um muro, ou em Mondrian que analisou a árvore e a desintegrou progressivamente.

Na sucessão semanal, o conhecimento recíproco permitiu estabelecimento da amizade e cimentou o relacionamento artístico. Alguns no início da noite, marcavam encontro no **Margarida's Bar**, com direito ao **fast food** regado a cerveja ou bom vinho. Ainda dá água na boca a lembrança da sopa de cebola, especialidade da casa.

Por vezes, Fiaminghi trazia um visitante para conhecer o atelier e o trabalho. Sacilotto, companheiro da trajetória concretista, daquele tempo difícil, quase impossível, de pendurar uma obra numa galeria de arte; e Volpi nos visitou duas ou três vezes, falando pouco, vendo muito e fumando aquele cigarro de palha, espalhando simpatias e induzindo ao raciocínio analítico. Mais tarde, Décio Pignatari, que chegou, viu, gostou e foi ficando...ficando...e pintando.

[...]

Tempos da têmpera, técnica que remonta a Idade Média, exigindo uma tela preparada com uma pintura de água, gelatina e carbonato de cálcio. A emulsão-mãe, de verniz damar e terebentina é dissolvida em emulsão de gema de ovo e água, onde o pigmento determina a cor. Quase paradoxal, técnica renascentista, em cidade progressista de São Paulo, empregada em atelier livre...

Impossibilitado temporariamente de dar orientação em São José dos Campos, para substituir Fiaminghi veio o vêneto Luigi Zanotto, professor da Fundação Álvares Penteado e artista consagrado, expositor de bienais. De temperamento introvertido, as palavras são compassadas, com forte sotaque italiano.

[...]

Instituto de arte contemporânea